

CRISE DA EDUCAÇÃO BÁSICA PELA CRISE DA SAÚDE: PROBLEMATIZANDO AS IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA NA DOCÊNCIA

CRISIS IN BASIC EDUCATION DUE TO THE HEALTH CRISIS: PROBLEMATIZING THE IMPLICATIONS OF THE PANDEMIC IN TEACHING

CRISIS EN LA EDUCACIÓN BÁSICA POR LA CRISIS DE SALUD: PROBLEMATIZANDO LAS IMPLICACIONES DE LA PANDEMIA EN LA DOCENCIA

Lara Siqueira Rangel Fernandes¹

Belarmino Victor Rodrigues de Souza²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo levantar questões acerca das situações de alunos e professores no ensino remoto, no contexto da pandemia do novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2. Entre os problemas abordados estão: a situação tecnológica de alunos e professores, e a recepção das aulas pelos estudantes, debatidas pelos autores Dominique de Souza e Jean Miranda; o *burnout*, discutido pelas pesquisadoras Francielly Ferreira e Cristiane Borges; e a exclusão digital, conceituada por Jana Rabelo e Karina Marcon. Utilizamos como suporte teórico artigos, reportagens, notícias e dois formulários desenvolvidos pelos autores desta pesquisa, respondidos por duas professoras da região norte fluminense. Evidenciamos que a pandemia não é apenas uma crise de saúde geral, mas também é um agravante da crise educacional, que ressalta uma crise de cidadania.

Palavras-chave: ensino remoto; coronavírus; pandemia; isolamento social.

Abstract: This article aims to raise questions about the situations of students and teachers in remote teaching, in the context of the pandemic of the novel coronavirus, called SARS-CoV-2. Some of the problems addressed are: the technological situation of students and teachers, and the reception of classes by students, discussed by authors Dominique de Souza and Jean Miranda; burnout, discussed by researchers Francielly Ferreira and Cristiane Borges; and the digital exclusion, conceptualized by Jana Rabelo and Karina Marcon. We used as theoretical support articles, reports, news and two forms developed by the authors of this research, answered by two teachers from the northern region of Rio de Janeiro. We put in evidence that the pandemic is not just a general health crisis, but is also an aggravating factor of the educational crisis, which highlights a crisis of citizenship.

Keywords: remote education; coronavirus; pandemic; social isolation.

1 Graduanda em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

2 Graduando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumen: Este artículo tiene como objetivo plantear interrogantes sobre las situaciones de los estudiantes y docentes en la enseñanza a distancia, en el contexto de la pandemia del nuevo coronavirus, denominado SARS-CoV-2. Entre los problemas abordados están: la situación tecnológica de estudiantes y profesores, y la recepción de clases por parte de los estudiantes, discutidos por los autores Dominique de Souza y Jean Miranda; burnout, discutido por las investigadoras Francielly Ferreira y Cristiane Borges; y la exclusión digital, conceptualizada por Jana Rabelo y Karina Marcon. Utilizamos como apoyo teórico artículos, informes, noticias y dos formularios desarrollados por los autores de esta investigación, respondidos por dos profesores de la región norte de Río de Janeiro. Mostramos que la pandemia no es solo una crisis sanitaria general, sino que también es un agravante de la crisis educativa, que pone en evidencia una crisis de ciudadanía.

Palabras clave: educación remota; coronavirus; pandemia; aislamiento social.

INTRODUÇÃO

Milhões de pessoas ao redor do mundo passaram por grandes transformações com o advento do novo coronavírus (SARS-Cov-2) e a doença causada por ele, a covid-19. Em 11 de março de 2020, o diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom, anunciou o aumento dos casos de contaminação pelo vírus, devido à sua rápida disseminação geográfica. No dia posterior, o Ministério da Saúde brasileiro publicou a portaria n. 356/2020, que regulamentou as medidas de contenção. No entanto, a doença seguiu avançando exponencialmente durante os meses seguintes.

O setor da educação está entre os mais afetados pela pandemia. Nesse sentido, as aulas remotas foram a solução encontrada pelo Estado para lidar com o fechamento das escolas. Em função disso, há várias problemáticas a serem levantadas, que pretendemos apresentar neste artigo.

Portanto, iremos abordar as seguintes questões: os recursos tecnológicos de alunos e professores; a exclusão digital; a recepção das aulas remotas pelos estudantes; o abuso e a violência doméstica; a situação da merenda escolar; a saúde mental dos docentes, os casos de *burnout* e o retorno às escolas antes da vacinação em massa. Além disso, trouxemos duas entrevistas, feitas com professoras, com o intuito de reafirmar as dificuldades que milhões de docentes passam no Brasil durante esse momento tão delicado.

METODOLOGIA

Este artigo foi construído com certa elasticidade metodológica. Utilizamos como fontes secundárias diversos recursos desenvolvidos no ano de 2020, visto que a análise dos efei-

tos da pandemia na educação se enquadra como história Recente. Assim, a análise sincrônica melhor se enquadrou aos nossos interesses, tendo como base artigos contemporâneos, notícias e reportagens. Nossas fontes primárias foram dois formulários, desenvolvidos pelos autores da pesquisa e respondidos por duas docentes — uma da rede pública, que também exerce a função de diretora em um colégio estadual, e outra da rede básica de ensino particular. Escolhemos essas professoras por conta da proximidade e familiarização, e por serem professoras do ensino básico. Ambas as entrevistadas responderam ao mesmo número de questões, cujas respostas foram base de reflexão para que pudéssemos oferecer, além de dados, uma dimensão filosófica ao artigo. Notamos as limitações de cobrir tantos assuntos, que mereceriam análises científicas mais apropriadas, com recursos para esse fim. Utilizamos fontes secundárias para explicar conceitos de fora da nossa área de estudo formal ou algo cujo passado pudesse ser facilmente relacionado com as circunstâncias atuais. Por fim, filtramos as informações a partir do que nos pareceu relevante, por ser impossível se distanciar, verdadeiramente, em terceira pessoa, do objeto estudado, já que ele faz parte de nossas vidas.

DILEMAS EM ENCADEAMENTO: DO EXPLÍCITO AO IMPLÍCITO

Devido à pandemia, as aulas on-line se tornaram realidade para milhares de professores e alunos. Entretanto, sabemos que nem todas as pessoas têm acesso à internet de boa qualidade, resultando numa conexão instável. Ademais, muitos professores e estudantes não possuem um computador pessoal, tendo de recorrer ao aparelho celular, que, muitas vezes, não suporta os aplicativos e o tráfego de informações (SOUZA; MIRANDA, 2020). É necessário lembrar também que o mesmo aparelho celular pode ser compartilhado com vários membros da família, ocasionando possíveis conflitos.

A desigualdade social ficou mais evidente nesse período, principalmente durante as aulas remotas, pois, todos os dias, vemos casos de falta de acesso à internet e de aparelhos tecnológicos, como mencionados acima. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2020, 16% das pessoas não têm acesso à internet nas áreas urbanas, e, nas áreas rurais, esse índice é de 50%. Além disso, o autor Ira-poan Bertholdo dos Santos Júnior (2020) aponta que cerca de 70 milhões de pessoas no país, ao longo da pandemia, têm acesso precário à internet.

É importante ressaltar como os estudantes com pouco acesso à internet podem se sentir em relação àqueles que têm um bom acesso e que conseguem acompanhar as aulas on-line. O autor Paulo Cesar de Almeida Barros Lopes (2020) discute sobre essa questão, relacionando-a com o retorno às atividades presenciais, e reflete como ficará a situação dos alunos com e sem acesso, no que concerne à diferença social e intelectual que, infelizmente, eles irão passar, causando desânimo e desmotivação para aqueles que não acompanharam as aulas de forma integral.

De acordo com Jana Rabelo (2019), a exclusão digital é multifacetada e, em caráter instrumental, proíbe o cidadão de ter contato direto com o dispositivo. Além disso, mesmo quando há disponibilidade desse dispositivo, é necessário que o contexto permita que o educando o utilize de forma efetiva, ou seja, a exclusão também pode ser estrutural. Em outras palavras: Como pode um aluno que mora numa zona rural, cuja conexão ao servidor de internet é, em geral, mais custosa, participar plenamente das atividades propostas no ensino remoto, sem considerar as possíveis complicações e ajustes financeiros para esse fim?

A situação dos docentes também deve ser destacada. Os professores de todo o mundo tiveram que se reinventar e dispor de novas estratégias para esse momento de pandemia. Isso não é fácil e requer recursos tecnológicos que muitos deles não possuem. Ademais, inúmeros professores não apresentam formação tecnológica, mas precisam lidar com a adaptação do conteúdo, devido à forma de apreensão dos estudantes ser diferente e por haver menos suporte, além da ausência de contato direto com o professor no formato virtual (SOUZA; MIRANDA, 2020).

Muito se fala sobre analfabetismo digital, mas pouco se faz para combatê-lo. Logo, devemos pensar que a súbita necessidade por esses recursos não permitiu uma transição suave para seu uso. A organização do trabalho escolar brasileiro foi pega de surpresa, pela falta de instrução sobre a utilização de tais serviços.

Há, ainda, a questão de que muitos estados utilizam transmissão via rádio ou televisão para a realização das aulas (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020), o que também impede a interação entre o aluno e o professor. As atividades impressas foram uma solução pensada para diminuir a dependência da tecnologia, de forma que os responsáveis ou os alunos têm de buscá-las na escola. Todavia, a falta de transporte escolar traz luz ao problema de deslocamento, e mesmo que o aluno ou o responsável tenha condição de ir até a escola, ainda existe a exposição ao vírus, em especial no transporte público.

De mais a mais, os alunos que dispõem de aparatos tecnológicos para acompanhar as aulas nem sempre estão de fato presentes; eles podem estar realizando qualquer outra atividade em paralelo ou, simplesmente, podem estar distraídos, sem vontade de participar da aula (SOUZA; MIRANDA, 2020). Isso pode acontecer por fatores como: ambiente familiar ruim, esfera desordeira e barulhenta, falta de interesse pelo ambiente virtual, irritação causada pela ausência de mobilidade e saudade dos amigos.

O aumento dos casos de abuso durante o isolamento social é um outro fator a ser levado em consideração, pois envolve alunos(as) e professores(as). Em momentos de crise e guerra, a violência contra as mulheres tende a aumentar (SANTOS, 2020), e é o que acontece nesse contexto pandêmico.

Para exemplificar o que foi dito acima, trouxemos alguns dados: foi registrado em abril de 2020, no começo da pandemia, que as denúncias de violência contra as mulheres, recebidas pelo canal 180 do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), subiram 37,6% em todo o país (BASÍLIO, 2020); entre março e abril de 2020, os casos de feminicídio aumentaram 22% em doze estados do Brasil, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (BOND, 2020); no Rio de Janeiro, no primeiro fim de semana após o decreto de isolamento, as denúncias de violência doméstica aumentaram 50%, sendo a maior parte delas casos de violência contra as mulheres — dados do plantão do Ministério Público Estadual (MARQUES, 2020). Na quarentena, a vítima tem muito mais proximidade com o agressor e muito menos contato com amigos e familiares de confiança, o que pode desencorajá-la a procurar por ajuda.

Além disso, a UNICEF (2020) chama a atenção para os casos de negligência, violência, exploração e abuso sexual contra crianças e adolescentes, que, devido à quarentena, tendem a aumentar, visto que o estresse familiar ocasionado pelo contexto de isolamento pode resultar em agressões contra as crianças e os adolescentes. Não obstante, o número das denúncias de violência contra crianças e adolescentes diminuiu, o que pode ser explicado pelo fato de muitas delas serem feitas por professores e demais funcionários da escola (LARA, 2020) ou, ainda, pela necessidade de reestruturar os serviços de saúde à realidade da pandemia. Em função do direcionamento desses servidores para o atendimento das ocorrências de covid-19 e síndromes respiratórias agudas, esses profissionais acabam sobrecarregados. Ademais, devido a esse redirecionamento, as vítimas podem ter dificuldades para chegar a esses novos locais e se deslocar, por causa da mudança nos transportes coletivos, que dificultam o acesso aos serviços de saúde (PLATT; GUEDERT; COELHO, 2020). Logo, vale ressaltar

que o número de denúncias ter diminuído não significa que os casos de violência reduziram de fato.

Mais um elemento importante a ser analisado, que influencia a vida pessoal do estudante, é a situação da merenda escolar. Como sabemos, alunos e alunas de famílias carentes garantem sua principal ou única refeição na escola, porém, com o fechamento dessas instituições, por conta da pandemia, a conjuntura mudou. De acordo com o artigo publicado pela Câmara dos Deputados (LEI..., 2020), após um mês de quarentena, no dia 7 de abril, a Lei n. 13.987/2020 foi sancionada, visando a distribuição de alimentos adquiridos do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) aos pais ou responsáveis dos estudantes de instituições públicas da educação básica. Além disso, há o Projeto de Lei n. 1.281/2020 em tramitação no Senado, cuja intenção é garantir auxílio financeiro para fins alimentícios, por meio do PNAE, para as crianças matriculadas nas escolas públicas de educação infantil durante o período de suspensão das aulas (ASSIS, 2020). Isso só reforça a essencialidade da merenda escolar na vida de milhões de alunos do país.

Dada a tarefa de avaliar o aumento dos casos de *burnout*, em professores, e depressão, em estudantes, utilizaremos o artigo de Francielly Damaris Ferreira e Cristiane José Borges (2016), intitulado “Síndrome de burnout: uma reflexão literária sobre a ocorrência em docentes do ensino superior”. Apesar de o foco do nosso estudo estar na rede básica de ensino, as definições propostas nesse artigo nos darão um norte para entender o fenômeno *burnout*.

Essa expressão é um anglicismo que designa um colapso por exaustão, devido a uma tarefa imposta. Tais tarefas são, segundo as autoras (2016), parte de uma maior demanda de trabalho bruto, facilmente confundido com qualidade e produtividade do ofício. É uma contradição capitalista contemporânea, mesmo que o fenômeno em si esteja presente no trabalho humano em seus diversos modos de produção.

A contemporaneidade do *burnout* é justificada por nossos entendimentos atuais de saúde mental e seu impacto no trabalho. No professorado, os desafios são multifacetados, já que produzir num ambiente escolar é, por sua vez, uma atividade singular.

Ferreira e Borges (2016) diferenciam depressão e *burnout*, apesar de suas correlações diretas. É consequente que aqueles do ambiente escolar, expostos ao colapso diversas vezes, sintam-se incapazes. É insatisfatório confessar cansaço no ambiente de trabalho de várias áreas. Discentes e docentes integram no seu diálogo interno a improdutividade por hiper expectativa. Necessário se faz problematizar a atuação direta de especialistas nas áreas científicas aqui citadas, mas, em especial, as pesquisas de campos científicos que perdem seu valor a

cada dia e que podem nos nortear para convergir em saúde física e mental desde campos menores, como ergonomia. De mais a mais, o professorado está exposto a críticas, em função da sua inabilidade de se reinventar num curto prazo.

No artigo “A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente” temos uma discussão que resume bem o sentimento das professoras entrevistadas para a execução deste trabalho. Na referência citada, Saraiva, Traversini e Lockmann (2020) discutem a pressão que os docentes sofrem para estarem à disposição dos estudantes e de seus pais 24 horas por dia, sete dias por semana. Além de trabalharem durante a carga horária contratada, os professores precisam planejar atividades, corrigir trabalhos e tirar dúvidas a qualquer hora do dia, através de aplicativos de conversa.

Devem também lidar com a volta às aulas presenciais, determinada pelo Estado. É compreensível que a população esteja frustrada com as atividades, tal como ocorrem agora: há alunos exaustos; alguns não têm meios de participar das atividades acadêmicas on-line. Nesse formato, pais e responsáveis se veem como mediadores compulsórios do conteúdo e da aprendizagem, sem preparo prévio. Toda essa conjuntura pressiona os representantes políticos que, por sua vez, administram de longe, sem consciência das singularidades do momento atual, agindo pela vontade de priorizar sua reputação momentânea em vez do objeto de seu ofício. Professores em ambiente presencial estão mais suscetíveis a doenças transmissíveis por contato, direto ou indireto, devido ao número de discentes que se encontra em uma sala de aula, aumentando as chances de contaminação (BOEHM, 2021). Uma epidemia dentro de uma pandemia, organizada por órgãos institucionais cientes e negligentes é, em suma, mais que genocídio.

PRIMEIRA PESQUISA QUALITATIVA

A seguir, apresentamos a primeira entrevista com as professoras, realizada em novembro de 2020. As suas identidades foram mantidas em anonimato, por questão de segurança. Lembra-se que a Professora 1 é diretora e professora de uma instituição da rede pública, e a Professora 2 exerce sua profissão em uma escola particular.

Questão 1: Como foi lidar com as adaptações necessárias para o ensino remoto e ter que se reinventar em tão pouco tempo?

Professora 1: Uma grande experiência diante do novo normal.

Professora 2: Bem assustador! No primeiro instante, aconteceram muitas mobilizações para que o ensino pudesse chegar aos alunos: vídeos gravados, aulas em PDF, carrossel da plataforma de ensino, etc. Não foi fácil, porque a cobrança e o trabalho

redobram! Como eu já tinha um notebook, eu comecei a produzir dia e noite para dar conta das demandas, até que as aulas começaram a ser ministradas ao vivo, pelo Meet. O medo do covid, o isolamento, as constantes reuniões e as massacrantes quantidades de compromissos e de aulas para dar não me deixaram bem! Porém, estou sobrevivendo até aqui. Eu tive que me reinventar para ser mais objetiva e dar uma aula mais leve, porém proveitosa, atingindo conhecimento. Para isso, uso slides, vídeos, *podcasts* e compartilho tela do livro do ensino que eles têm.

Q2: Como é o comportamento dos alunos nessa situação? (Questão da participação, interação, aprendizagem).

P1: Para muitos a novidade, a falta de recursos e a distância se tornou bem desinteressante. Mas temos que sempre nos reinventarmos para motivá-los.

P2: Os alunos, a princípio, se mostraram mobilizados também! Como trabalho numa rede particular de ensino, não tive caso de aluno sem acesso à internet, porém, uma primeira determinação da escola começou a ser descumprida: o uso da câmera ligada. Isso foi um tormento a princípio porque o aluno estava fazendo de um tudo (inclusive dormindo), menos assistindo a aula. Eu, por muitas vezes, senti que estava explicando conteúdo para um computador, mas acreditando que ali houvesse um ou dois realmente prestando atenção! A participação desde o início não é boa, todos com câmera desligada. E quando são instigados, muito rara uma resposta! Mas eu tenho certeza que quem realmente estava ali conseguiu garantir o conhecimento sem qualquer prejuízo.

Q3: Há a sensação de sobrecarga (*burnout*)? Poderia falar sobre os efeitos psicológicos que isso lhe causa?

P1: Muito. Para os diretores de escola, como eu, um acúmulo de funções e um psicológico abaladíssimo. Sem falar o medo que assombra.

P2: Uma sobrecarga enorme! Eu me senti abusada psicologicamente não pela instituição nem pelos alunos em si, mas num todo! A quantidade de tarefas a administrar é grande e tem que ser cumpridas com prazo, sem extensão. Eu já sofria de ansiedade, e por conta da pandemia, da covid e das aulas eu precisei por algumas vezes aumentar a dosagem de medicamentos para segurar a onda. Hoje, eu levo com mais leveza e sei que o meu trabalho está sendo bem-feito, dentro de todas as possibilidades!

Q4: Você vê reivindicações coletivas, do professorado e sindicatos, no que infere aos desafios do momento?

P1: Não.

P2: Muitos! Assisti e assisto a várias *lives* do sindicato e vejo que não só eu, mas TODOS os professores estão cansados e sobrecarregados. Uma das reivindicações foi a do recesso de julho que quase não tivemos, mas a gente precisava de um refresco. Não só eu, mas os alunos também! Todos os professores mobilizados para que nós possamos chegar com vida à vacina.

Q5: Como você se sente em relação à volta às aulas sem uma vacina contra o coronavírus?

P1: Acho negligente.

P2: Eu vejo como um caso impossível! Ainda mais por ser do grupo de risco. Tenho uma filha de sete anos que é vetora da doença, e meus pais atingiram uma certa idade também! Eu prefiro com certeza e voto para uma volta às aulas somente após a vacina. Acima, eu visei em falar só sobre mim, mas a vida de todos os funcionários está em risco. Os filhos e a vida são uma só. Quantas e quantas vezes já demos aula presencialmente e o aluno sequer prestou atenção? Penso que o conhecimento advém de quem realmente se dispõe. No EaD, não acho diferente. (PROFESSORA 1; PROFESSORA 2, 2020).

REFLEXÕES ACERCA DA PRIMEIRA ENTREVISTA

A partir desses depoimentos, podemos reafirmar as questões presentes nos tópicos que desenvolvemos. Assim como vários docentes, elas também precisaram criar novos métodos e

aplicá-los rapidamente, trabalhando de forma exaustiva, tentando cumprir várias funções e elaborando técnicas que satisfaçam todos os alunos. Outro ponto interessante é a participação dos estudantes. Apesar de todo o esforço por parte das professoras, em algum momento eles se desinteressam pelas aulas. Logo, a exaustão e o desgaste, por conta de tanto trabalho, são previsíveis e reais.

Um aspecto importante a ser evidenciado é que a Professora 2 trabalha em uma instituição particular e, por conseguinte, não teve casos de alunos sem *internet*, enquanto a Professora 1 afirma que houve falta de recursos. Isso deixa ainda mais claro as diferenças nas condições desses alunos e a desigualdade social entre eles.

Uma pesquisa do Sindicato dos Professores do Norte e Noroeste Fluminense (Sinpro NNF), publicada em matéria do seu site em outubro de 2020, mostra que 87% das professoras particulares se articulam contra a volta às aulas presenciais. Notamos que as escolas da rede básica particulares refletem a diferença de detalhes nas respostas 1 e 2. As escolas públicas parecem estar com mais dificuldade de se organizarem, em comparação aos professores da rede particular. A nossa hipótese é que os desafios da rede municipal e estadual já saturam a vida do professorado nesses nichos. Assim, a diferença de detalhes entre as respostas não é entendida como uma passividade da rede pública, mas justamente o oposto. As atividades constantes e necessárias, para fazer o ensino remoto funcionar, são oriundas das singularidades desse ofício e isso desconecta os docentes da mediação sindical. Outra reflexão se origina do recorte feminino da pesquisa: é comum que profissionais na categoria do gênero feminino não consigam separar a maternidade e a relação conjugal do trabalho. A generalização dessa realidade não necessita de justificativas se partirmos da premissa de que a ausência da paternidade, em diferentes graus, é um problema no Brasil, e mesmo quando há no modelo familiar de “senso comum” a presença masculina e sua função dentro do “modelo familiar tradicional”, eles se distinguem qualitativamente da realidade feminina.

A pesquisa do SinproNNF (2020), no momento em que escrevemos este artigo, ainda está em continuidade. Portanto, as reflexões que fazemos são objeto de alteração e refutação de acordo com o período.

SEGUNDA PESQUISA QUALITATIVA

Em seguida, apresentamos a segunda entrevista com as professoras, realizada em julho de 2021:

Questão 1: Como a exclusão digital, ou seja, a carência de acesso a dispositivos, conexão e instrução a tecnologias da informação e comunicação, tem afetado a realidade do ensino remoto na sua experiência?

Professora 1: Em muitas situações, os pais perderam seus empregos durante a pandemia, assim deixando de poder pagar por uma *internet*. Muitos já não tinham essa possibilidade antes também. Então muitos deixam de fazer as atividades, ficam com notas ruins, e fica difícil até da escola cobrar isso do aluno e dos pais, já que os mesmos têm essa carência de acesso ao digital. A escola tem a opção de fazer um material impresso para quem não tem acesso à *internet*, porém optamos por fazer esse material impresso para todos.

Professora 2: Como eu trabalho em uma instituição privada, essa exclusão não ocorre para mim tanto como professora quanto para os alunos. As aulas transcorrem bem e são ao vivo. Mas, sim, tenho também dificuldades nos acessos dos dispositivos porque tive que ativar ou até mesmo moldar habilidades que nem eu sabia que tinha. As instruções são bem básicas e poucas, não tem como explicar muito, só vivenciando para aprender na marra, nos erros. Mas de ter dificuldades de acesso, não. Isso mostra o quanto a nossa sociedade é desigual, pois se eu estivesse em algum contrato com instituição pública, com certeza os alunos não teriam o acesso (como não estão tendo realmente) e recebendo semanalmente apostilas para um estudo isolado em casa.

Q2: Poderia dissertar um pouco sobre o que mudou neste intervalo de um semestre, desde a nossa última consulta, quanto à experiência de *burnout* (sobrecarga)? Como o corpo docente tem lidado com o excesso de tarefas neste momento?

P1: O corpo docente tem estado extremamente sobrecarregado e estressado. A sobrecarga de tarefas tem gerado conflitos até nas relações profissionais; muitos têm dificuldade para lidar com o volume de coisas a se fazer.

P2: Continua a mesma coisa ou até mesmo pior. Porque quanto mais nos especializamos nas plataformas, mais estamos aptos a avançar, e é assim que a escola entende. Então, não bastam as aulas que sigam as forças, é preciso ser inovadora, influenciadora, divertida e muitas vezes para ninguém, somente para o computador. Mas se você não mostra "serviço" nesse "novo normal", você é tido como anormal e inapto. As tarefas aumentaram, porém o uso do papel, percebi reduzir bastante, as coisas todas agora são on-line.

Q3: Com relação aos pais e responsáveis, o que tem mudado em termos de cooperação e cobrança para com a educação do aluno?

P1: Piorou. Se os pais já não cobravam antes, agora então... E já que o aluno não está indo à escola fica difícil da escola também fazer essa cobrança tanto com o aluno quanto com os pais...

P2: Eles nem veem se seus filhos estão acordados no momento da aula, praticamente. E estão mais engajados na volta presencial/híbrido. Na verdade, eles encaram que os professores não estão trabalhando e nem seus filhos estudando. Claro que existem exceções, mas a maioria não chega junto, não dá um suporte e deixa para o professor dar conta. Não julgo, porque está todo mundo esgotado mesmo. (PROFESSORA 1; PROFESSORA 2, 2021).

REFLEXÕES ACERCA DA SEGUNDA ENTREVISTA

A sindemia — como podemos chamar a nossa atual situação de crise sanitária —, de acordo com a conceituação de José Patrício Bispo Júnior e Djanilson Barbosa dos Santos,

[...] não é meramente comorbidade. A teoria sindêmica fundamenta-se no entendimento abrangente de saúde e na perspectiva holística relacionada às influências dos contextos na determinação e potencialização das doenças. Conforme ressalta Mendenhall, o conceito possui três principais características: envolve o agrupamento de duas ou mais doenças em uma população; é decorrente da interação entre fatores bi-

ológicos, sociais e psicológicos; os fatores sociais, na maior parte dos casos, constituem-se na maior força para o desenvolvimento das doenças. Assim, uma sindemia ocorre a partir da interação entre doenças e condições de saúde e tem maior probabilidade de surgir em situações de desigualdade social causadas por pobreza, estigmatização, estresse ou violência estrutural. (BISPO JÚNIOR; SANTOS, 2021, p. 3).

Sendo assim, a covid-19 não apenas agravou, mas pôs em evidência problemas originados no berço das questões brasileiras de desigualdade. Essa questão está bem ilustrada nas respostas da primeira pergunta do questionário.

A conjuntura desigual do país, somada à necessidade de recursos tecnológicos da informação e da comunicação para o cumprimento das atividades escolares, cria um grave problema social sobre a plena cidadania dos discentes, que, por sua vez, necessitam do pleno acesso à *internet*. Essa questão é melhor abordada na contribuição de Karina Marcon (2020).

Esses desafios são apenas a ponta do iceberg da educação através das telinhas — que nem todos temos acesso. Instrumentos a que não estamos conectados, com acesso à rede, e, também, não são telinhas que podemos utilizar de forma intuitiva; precisamos de instrução institucional para manuseá-las.

Como mencionado na entrevista, no âmbito das relações familiares há a crescente necessidade de orientação/acompanhamento dos pais/responsáveis. Porém, nessa situação atípica, como já vimos, os alunos não conseguem lidar com o EaD, e os pais/responsáveis, por mais que tentem, não conseguem suprir certas necessidades que o ensino regular dispõe.

Dessa forma, surgiram diversos discursos que alegavam que os pais não queriam cuidar de seus filhos e, especialmente, que as mães queriam a volta do ensino regular para não ter de orientá-los. Isso é muito precipitado, haja vista ser incumbido às mulheres os afazeres domésticos, a assistência aos filhos, entre outras tarefas. Essas questões, somadas ao trabalho, já sobrecarregam bastante, e, no ensino remoto, muitas vezes são apenas elas que têm de lidar com essa mudança repentina de cenário, com a “missão” de conduzir os filhos nesse período tão turbulento.

Ademais, sabemos que a vacinação contra a covid-19 no Brasil foi — e está sendo — uma questão caótica: a demora na compra de vacinas, que resultou numa lenta campanha de vacinação, levou a uma demora na vacinação dos profissionais da educação. Mesmo quando começaram a vacinar esses profissionais, a situação não foi fácil. Em Campos dos Goytacazes³, por exemplo, a vacinação começou no dia vinte de maio, e, no dia seguinte, foi suspensa pela 5ª Vara Cível. Apenas no dia primeiro de junho, após a prefeitura entrar na Justiça, a va-

³ (ABREU, 2021; PAES, 2021; UHL, 2021).

cinação foi retomada. Em outubro, o ritmo da vacinação melhorou, porém isso não significa que não houve problemas nem que foi uma volta às aulas presenciais tranquila.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade do presente artigo consistiu na discussão sobre as diversas tonalidades da crise causada pela covid-19, especialmente no que tange a educação básica e seus atores. O que torna o mal em questão numa pandemia é sua natureza súbita de distribuição geográfica e seus diferentes problemas implícitos, como no nicho da educação, que são invisíveis a muitos olhos. Assim, nosso objetivo teve mais um outro desafio: grande parte das questões abordadas não são da nossa área de especialidade e atuação. O caráter amador e diletante que se apresenta no papel é uma contribuição para esse debate ainda ininterrupto. Talvez, análogo à forma como um artista plástico impressionista põe em tela sua interpretação do objeto: abordamos a questão como ela nos parece, nos afeta e interage com nossos sentidos e emoções. Com isso queremos dizer que não abordamos o objeto com o propósito de representá-lo na infinitude do que ele é. Em síntese, todos os fenômenos são relativos ao tempo e ao espaço, e o que podemos fazer é retratar esses fenômenos inconclusos.

Ademais, nossa interpretação subjetiva revela como as vicissitudes “sindêmicas” da pandemia afetam a saúde mental, a violência doméstica, as questões de gênero, a negligência governamental-administrativa com a educação e a saúde nacional, a interdependência com os desafios da desigualdade social brasileira, a exploração e a alienação do trabalho, a mobilização — ou a ausência dela — das populações mais afetadas pela crise atual, como o professorado, a exclusão digital, a instabilidade da campanha de vacinação e a fragilidade das relações entre professores-pais-alunos. As reflexões sobre os dilemas elencados são infinitas. Tornamo-nos, assim, *artistas impressionistas da História Recente*, principiantes em frente à tela, tentando representar o mundo através do nosso olhar perplexo. A partir dessas considerações, concluímos o inconclusivo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Frânio. Justiça manda paralisar vacinação da Educação um dia após início da imunização. **Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes**. Rio de Janeiro, 22 maio 2021. Disponível em: https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=61052. Acesso em: 31 jul. 2021.

A EXCLUSÃO digital no Brasil e suas consequências. [s. l.: s. n.], 1 abr. 2019. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Jana Rabelo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tA0OKq68heQ>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ASSIS, Luana Bispo de. Direito à alimentação: acesso à merenda escolar em tempos de pandemia. **Conteúdo Jurídico**. [s. l.], 18 maio 2020. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/consulta/artigos/54537/direito-alimentao-acesso-merenda-escolar-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 14 nov. 2020.

BASÍLIO, Ana Tereza. A pandemia e a violência doméstica. **Jornal do Brasil**. [s. l.], 7 ago. 2020. Disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/artigo/2020/08/1025034-a-pandemia-e-a-violencia-domestica.html>. Acesso em: 12 nov. 2020.

BISPO JÚNIOR, José Patrício; SANTOS, Djanilson Barbosa dos. COVID-19 como síndrome: modelo teórico e fundamentos para a abordagem abrangente em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, [s. l.], v. 37, n. 10, p. 1-14, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00119021>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/LVBpYxSZ7XbdXKm74TPPmzR/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BOEHM, Camila. SP: estudo aponta incidência maior de covid-19 entre professores. **Agência Brasil**. São Paulo, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-04/sp-estudo-aponta-incidencia-maior-de-covid-19-entre-professores>. Acesso em: 31 jul. 2021.

BOND, Letycia. Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante pandemia. **Agência Brasil**. São Paulo, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>. Acesso em: 12 nov. 2020.

COVID-19: Crianças em risco aumentado de abuso, negligência, exploração e violência em meio a intensificação das medidas de contenção. **UNICEF**. Nova York, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-criancas-em-risco-aumentado-de-abuso-negligencia-exploracao>. Acesso em: 12 nov. 2020.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 27-37, 27 ago. 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 14 nov. 2020.

FERREIRA, Francielly Damaris; BORGES, Cristiane José. Síndrome de burnout: uma reflexão literária sobre a ocorrência em docentes do ensino superior. **Itinerarius Reflectionis**, [s. l.], v. 6, n. 1, não paginado, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5216/rir.v6i1.41568>. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/41568>. Acesso em: 12 nov. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país. **Agência IBGE Notícias**. [s. l.], 29 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>. Acesso em: 09 dez. 2021.

LARA, Lorena. Pandemia diminui denúncias de abuso sexual de crianças e adolescentes. **CNN Brasil**. São Paulo, 21 set. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/09/21/pandemia-diminui-denuncias-de-abuso-sexual-de-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 12 nov. 2020.

LEI garante alimentos da merenda a alunos com aulas suspensas por pandemia. **Câmara dos Deputados**. Brasília, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/652552-lei-garante-alimentos-da-merenda-a-alunos-com-aulas-suspensas-por-pandemia>. Acesso em: 14 nov. 2020.

LOPES, Paulo Cesar de Almeida Barros. A Covid-19, o retorno às aulas e o custo social do fechamento das escolas - o que pode ser feito?. **Revista Educação Pública**, [s. l.], v. 20, n. 29, não paginado, 4 ago. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/29/a-covid-19-o-retorno-as-aulas-e-o-custo-social-do-fechamento-das-escolas-o-que-pode-ser-feito>. Acesso em: 9 dez. 2021.

MARCON, Karina. Inclusão e exclusão digital em contextos de pandemia: que educação estamos praticando e para quem?. **Criar Educação**, Criciúma, v. 9, n. 2, p. 80-103, 2020. ISSN 2317-2452. DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/ce.v9i2.6047>. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/6047>. Acesso em: 12 dez. 2021.

MARQUES, Emanuele Souza *et al.* A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 4, p. 1-6, 2020. ISSN 1678-4464. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/SCYZFVKpRGpGq6sxJsX6Sftx/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2020.

MINISTÉRIO da Saúde regulamenta medidas de isolamento e quarentena. **Governo do Brasil**. [s. l.], 12 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/ministerio-da-saude-regulamenta-medidas-de-isolamento-e-quarentena>. Acesso em: 14 nov. 2020.

OMS classifica coronavírus como pandemia. **Governo do Brasil**. [s. l.], 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/oms-classifica-coronavirus-como-pandemia>. Acesso em: 15 nov. 2020.

PAES, Angélica. Campos inicia vacinação dos profissionais da Educação. **Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes**, 20 maio 2021. Disponível em: https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=61021. Acesso em: 31 jul. 2021.

PESQUISA SinproNNF: 87% das professoras da Educação Básica são contra a volta às aulas. **SINPRONNF**. [s. l.], 21 out. 2020. Disponível em: <https://www.sinpronnf.com.br/pesquisa->

sinpronnf-87-das-professoras-do-educacao-basica-sao-contra-a-volta-as-aulas/?v=908f9fa6d01c. Acesso em: 16 nov. 2020.

PLATT, Vanessa Borges; GUEDERT, Jucélia Maria; COELHO, Elza Berger Salema. Violência contra crianças e adolescentes: notificações e alerta em tempos de pandemia. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 39, p. 1-7, 26 out. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/Ghh9Sq55dJsrG6tsJsHCfTG/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2020.

PROFESSORA 1; PROFESSORA 2. Ensino remoto durante a pandemia de covid-19. [Entrevista cedida a] Siqueira Rangel Fernandes *et al.* Rio de Janeiro, nov. 2020. 1 pasta de computador.

_____. Ensino remoto durante a pandemia de covid-19. [Entrevista cedida a] Siqueira Rangel Fernandes *et al.* Rio de Janeiro, jul. 2021. 1 pasta de computador.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

SANTOS JÚNIOR, Irapoan Bertholdo dos. Percepção de alunos e professores da Seeduc/RJ sobre o ensino on-line de caráter emergencial durante a pandemia. **Revista Educação Pública**, [s. l.], v. 20, n. 30, não paginado, 11 ago. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/30/percepcao-de-alunos-e-professores-da-seeducj-sobre-o-ensino-ion-linei-de-carater-emergencial-durante-a-pandemia>. Acesso em: 09 dez. 2021.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16289/209209213529>. Acesso em: 14 nov. 2020.

SOUZA, Dominique Guimarães de; MIRANDA, Jean Carlos. Desafios da implementação do ensino remoto. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 4, n. 11, p. 81-89, 2020. ISSN 2675-1488. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/SouzaMiranda>. Acesso em: 13 nov. 2020.

UHL, Kamila. Retomada a vacinação dos profissionais da Educação de Campos. **Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes**, 1 jun. 2021. Disponível em: https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=61191. Acesso em: 31 jul. 2021.